

Alguns apontamentos teóricos acerca da Análise Arqueológica do Discurso – AAD

Some theoretical notes about Archaeological Discourse Analysis – AAD

Erenildo João Carlos
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Krislânia Damâscena Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Resumo

Este artigo registra algumas anotações resultantes do estudo realizado sobre a Análise Arqueológica do Discurso (AAD), de Michel Foucault. Para tanto recorre à própria abordagem, enquanto metodologia de estudo, e aos trabalhos de Foucault (1999, 2001, 2008), de Palomo (2001), de Carlos (2017, 2021) e de outros como parâmetros que orientam a problematização sobre o signo, identificado como o ser da linguagem, suas possibilidades de uso e de funções enunciativas, assim como objetiva remexer alguns fios teóricos que tecem a trama de saberes que envolvem a perspectiva da AAD no que diz respeito à relação entre o signo, o discurso e o enunciado, cujo nexos entre os termos é tratado de maneira diferente pela AAD, quando se compara ao modo corrente que circula no âmbito do domínio das ciências sociais e humanas. Orientado pela hipótese da AAD, como teoria do discurso, após o desenvolvimento da análise, o estudo conclui, assinalando a importância da linguagem, como uma ferramenta crucial para a interação humana e formação do conhecimento, quanto como indispensável à feitura do discurso, enquanto enunciado, evidenciando a riqueza e a complexidade do ponto de vista arqueológico acerca da noção de linguagem, discurso, enunciado e de suas relações.

Palavras-chave: linguagem; enunciado; teoria do discurso.

Abstract

This article records some notes resulting from the study carried out on Michel Foucault's Archaeological Discourse Analysis (AAD). To do so, it uses the approach itself, as a study methodology, and the works of Foucault (1999, 2001, 2008), Palomo (2001), Carlos (2017, 2021) and others as parameters that guide the problematization of the sign, identified as the being of language, its possibilities of use and enunciative functions, as well as objective to stir up some theoretical threads that weave the web of knowledge that involves the AAD perspective with regard to the relationship between the sign, the discourse and the utterance, whose connection between the terms is treated differently by the AAD, when compared to the current mode that circulates within the domain of social and human sciences. Guided by the AAD hypothesis, as a discourse theory, after developing the analysis, the study concludes, highlighting the importance of language, both as a crucial tool for human interaction and the formation of knowledge, and as indispensable for the making of discourse, as an utterance, highlighting the richness and complexity of the archaeological point of view regarding the notion of language, discourse, utterance and their relationships.

Keyword: language; utterance; discourse theory

Informações do artigo

Submetido em 25/01/2024
Aprovado em 20/04/2024
Publicado em 15/05/2024.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n2.p209-224>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

CARLOS, Erenildo João; RODRIGUES, Krislânia Damâscena. Alguns apontamentos teóricos acerca da Análise Arqueológica do Discurso – AAD. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 2, p. 209-224, maio/ago. 2024.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que por meio da linguagem se representa e significa o mundo (Foucault, 1999). Em razão disso, distintos tipos de saberes, conhecimentos e informações, a respeito de temas e objetos diversos, podem ser registrados, recordados e compartilhados. Pela mediação da linguagem, indivíduos, grupos e sociedades conseguem compartilhar suas culturas, seja por meio da fala, da escrita ou de outras formas de expressão. Em certa medida, a linguagem medeia a sociabilidade humana, viabilizando a compreensão mútua, a construção de um sentido compartilhado e o estabelecimento de identidade e de pertencimento.

Nesse contexto sociocultural, a linguagem tem diversos usos e um deles é a expressão, que possibilita o gesto de comunicação da subjetividade humana, tal com o sentimento, a exemplo do que se verifica na literatura. Seja por meio da comunicação verbal, não verbal, escrita ou imagética, a linguagem é uma ferramenta que utilizamos para o exercício de nossa expressividade, a exemplo do que ocorre na poesia, na prosa, nas conversas do dia a dia ou em outras formas de comunicação. Nelas a expressividade desempenha um papel crucial.

Entretanto, sabemos que a comunicação humana não se restringe a isso. Ela também confere visibilidade as nossas experiências e pensamentos. Permitindo, assim, compartilharmos nossa visão de mundo com os outros, difundindo-as, pondo-a em circulação e em disputa. Certamente, a linguagem é um artefato cultural complexo, que vai além da comunicação cotidiana. Ela permite a expressão de sentimentos, de experiências, mas também o desenvolvimento do pensamento abstrato, de conceitos e de teorias complexas. No geral, seja de um modo ou de outro, ela é uma espécie de artefato cultural que conecta pessoas e sociedades (Palomo, 2001). Tudo isso faz da linguagem um objeto de investigação que afeta distintos campos das ciências sociais e humanas, a exemplo dos estudos do discurso, tal como os analítico-arqueológicos.

É sabido que, ao usarmos o termo discurso em Foucault, tendemos a identificar uma ligação entre esse termo e a fase genealógica dos estudos foucaultianos, caracterizada pelo desejo de compreender o poder em suas diversas formas, relações, exercícios e jogos de linguagem. Com efeito, o nexo genealógico entre a questão do discurso e do poder aparece em inúmeras

pesquisas e produções, a exemplo da discussão feita por Albuquerque, (1995), Ficher (2001), Veiga-Neto (2009), Ferreira; Traversini (2013), Alves; Pizzi (2014) e outros.

Nesses estudos, verifica-se que a centralidade da problemática do discurso, associada à noção de poder, é uma evidência notória. Neles o destaque é conferido às teses foucaultianas do discurso, desenvolvidas especialmente no livro *A ordem do Discurso* (2007), que representa o viés genealógico, assumido por Foucault, em sua posição de professor no Collège de France.

O presente texto, de certa forma, está longe desse alinhamento, uma vez que seu foco é o vínculo entre o discurso e o conhecimento, bem como o objetivo de refletir sobre a relação entre linguagem, discurso e enunciado, como elementos teóricos fundamentais da Análise Arqueológica do Discurso (AAD), uma abordagem que se concentra no procedimento de análise e descrição da singularidade de determinados objetos-discursos, que o pesquisador escolheu como alvo de sua pesquisa. Diante dessa perspectiva, os apontamentos teóricos que faremos aqui se referem à questão da linguagem e a dois pressupostos fundamentais, como pontos de articulação de nosso estudo: problematização e escrita.

Assim, de um lado, assinalamos o entendimento de que o signo, como o ser da linguagem, desempenha uma função imprescindível na comunicação do que desejamos dizer a respeito de algo (Gadamer, 2012), isto é, do mundo, da natureza e da realidade que nos cerca. De outro, apontam que o signo tem um lugar relevante no domínio teórico da AAD, vez que os estudos arqueológicos tomam como ponto de partida o signo a fim de adentrar na singularidade do discurso, enquanto enunciado (Carlos, 2017). Consideramos, portanto, que tais pontos de articulação, independentemente da particularidade do objeto analisado, são cruciais para a elucidação da questão do discurso

Ademais, cabe frisar que em termos de abordagem metodológica adotamos a própria perspectiva da Análise Arqueológica do Discurso - AAD, de Michel Foucault (1999, 2001, 2008), como o modo operandi do percurso de nosso estudo e reflexão. Isso porque, na AAD, a linguagem é posta como o território de emergência e constituição do objeto-discurso. Nela, distintos gêneros de discursos se localizam, circulam, se movem, são apropriados e

empregados, estudados e analisados. Nela, conectam-se signos e discursos. Desse modo, na AAD o signo se põe não somente como premissa do aparecimento do discurso, mas, sobretudo, como constituinte de seu modo singular de existência e de funcionamento como enunciado.

Recorremos, portanto, ao próprio Foucault (2008) arqueológico para entendê-lo, vez que a AAD versa sobre a problemática do enunciado, identificando-o como uma função de existência exclusiva dos signos, que transcende domínios de estruturas e unidades diversas (Foucault, 2008; Alcantara e Carlos, 2013). No espaço de nossa discussão, concentramo-nos na complexidade do signo (Palomo, 2001), tendo em vista os elementos enunciativos do discurso, na perspectiva arqueológica.

Em vista disso, os apontamentos teóricos que anotamos, aqui, sobre a AAD, contribuem com o debate sobre a complexidade da linguagem e de seu funcionamento enunciativo, inerente ao discurso, onde as palavras são identificadas como signos que representam e significam o mundo, mas, também e sobretudo, como elementos que enunciam, ou seja, como séries de signos que funcionam como enunciados ativos, criativos, constitutivos de saberes que dinamizam complexas relações discursivas, que, por sua vez, tecem o que, determinados indivíduos, inseridos em situações e circunstâncias das mais diversas possíveis, podem dizer ou não a respeito de algo.

2 A LINGUAGEM COMO UM CAMPO COMPLEXO DE INVESTIGAÇÃO

Como foi dito anteriormente, pode-se dizer que a linguagem se constitui em um objeto definidor de um campo complexo de investigação. Assim posto, a problemática do signo poderá ser encontrada em vários campos do saber, a exemplo da Linguística, dos Estudos Culturais, da Antropologia, da Psicanálise, da Filosofia da linguagem, da Semiótica e de outros. Em outros termos, de modo geral, “a noção de signo atravessa diferentes domínios do saber com significados, sentidos e usos diversos” (Carlos, 2021, p. 619), apontando, assim, uma estrutura de elementos, que poderá ser definido de acordo com o campo do saber empregado.

Assim, enquanto ser da linguagem, o signo é especialmente enfatizado no âmbito dos estudos da linguagem, que se ocupa com os signos e símbolos,

como seus significados, usos e funcionamentos em processos de comunicação. A noção de signo é, geralmente, marcada por alguns elementos/componentes que se relacionam e a constitui, a exemplo do significante, do significado e do referente. Nessa perspectiva, o signo guardaria, necessariamente, uma configuração tricotômica, na qual esses três elementos a constituiria. A ausência de algum deles implicaria no aparecimento de outros tipos de signos. No entanto, o desaparecimento de algum dos elementos, ou sua substituição por outro distintos dos que foram mencionados, não significaria a dissolução do signo em si, vez que ele permaneceria existindo por conta de que sua função de se pôr no lugar de outra coisa continuaria vigente.

Em certa medida, a existência do signo está correlacionada a um outro que não é ele. Conexão considerada arbitrária, vez que não há uma relação intrínseca, necessária entre o significante e o referente. Ela, ao contrário, é convencional, baseada em convenções sociais e culturais. Em outra cultura ou língua, uma palavra diferente pode ser usada para descrever o mesmo objeto. Por exemplo, a aliança de ouro, que indica uma ligação não-natural com a instituição casamento. Já, diferentemente, entre o fogo e a fumaça haveria uma ligação intrínseca e natural.

É importante destacar que as línguas se referem há sistemas específicos e estruturados que utilizam a linguagem para a comunicação. Assim, cada comunidade ou grupo social desenvolve e possui sua própria língua, que é um conjunto de regras etimológicas, gramaticais, semânticas, sintáticas fixadas por convenções sociais e culturais compartilhadas. Com certeza, existem centenas de línguas ao redor do mundo, cada uma com suas peculiaridades, além de variações dialetais em uma mesma língua, a depender de localidade e individualidade dos grupos. É primordial compreender, portanto, que cada componente da estrutura do signo, só funciona em conjunto. Sobre esse assunto, ressalta Palomo que

No campo linguístico, foi Saussure (1999) quem desenvolveu a concepção moderna de signo. Segundo ele, o signo não une uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica: o significado e o significante. Hjelmslev (1975) aproveita essa composição do signo, porém a estende para os dois planos da linguagem, demonstrando que ela tem por característica ser dupla, apresenta-se como uma estrutura de duas faces: a expressão (conjunto de significantes) e o conteúdo (conjunto de

significados). Ressalte-se que expressão e conteúdo (significante e significado) se exigem mutuamente. No signo, a significação ocorre graças à união dos dois, e não a um ou a outro (2001, p. 9).

Nesse ínterim, não podemos deixar de reconhecer o modelo do signo linguístico como ocupante do lugar comum da linguagem. Ou seja, é corrente se dizer linguagem e se pensar língua. Nesse sentido, o par linguagem-signo se caracterizaria como sendo um conjunto estruturado de símbolos e regras utilizadas para organizar e representar ideias, conceitos e informações (Palomo, 2001).

O modo de existência da linguagem, como signo linguístico, além de permitir a criação de sistemas simbólicos, como a escrita, que oferece uma forma organizada e padronizada de registro e da comunicação, propiciam o desenvolvimento de sistemas de comunicação mais elaborados, como linguagens técnicas, de programação, linguagens científicas ou matemáticas, que contribuem para a sistematização do pensamento e do conhecimento.

A linguagem tanto media as relações intersubjetivas, como desempenha um papel fundamental na estruturação e sistematização dispositivos de produção, circulação e consumo de informações, conhecimentos e saberes. Nesse sentido, para Palomo (2001, p. 10) “[...] compreender melhor a linguagem exige também a compreensão dos componentes do signo”, já que “o signo é o núcleo fundamental da linguagem” (*Ibid*, p. 9.). Nesta mesma linha de pensamento, Carlos destaca que “o signo é o que constitui a linguagem”, destacando sua relevância

[...] tanto como um dispositivo de produção, sistematização e difusão do saber sobre diferentes tipos de objetos e assuntos, quanto como um acontecimento, cuja presença demonstra ser estruturante e operante para os processos intersubjetivos da comunicação e da sociabilidade humana, que se põe em nosso cotidiano e história como algo inerente, ineliminável e constitutivo da dinâmica do existir humano (2021, p. 619).

Resumidamente, quanto à composição tricotômica do signo, pode-se dizer que o significante, é a parte física ou perceptível do signo, como uma palavra escrita ou falada, uma imagem, um gesto, é a marca, é o elemento de materialidade “[...] que confere visibilidade e memória empírica ao signo [...]” (Carlos, 2021, p. 635). O significado refere-se ao conceito ou ideia associada ao

significante. É a representação mental ou cultural que o signo evoca, “[...] sintetiza abstratamente, no plano das ideias, o sentido e a cognoscibilidade que o signo carrega [...]” (*Ibid*, p. 635). E ao comunicar uma ideia sobre alguma coisa, nos referimos a algo, que é o referente. O referente é o objeto ou a coisa real, é a “[...] coisa específica à qual o par significante-significado se vincula, identifica, nomeia e lembra” (Carlos, 2021, p. 635). O signo aciona as relações que ele tem com esses outros elementos da estrutura (significado e significante).

Com efeito, enquanto a linguagem é um elemento intrínseco às condições de existência da espécie humana, as línguas representam manifestações específicas e diversas dessa capacidade em diferentes culturas e comunidades. Sobre isso, esclarece Palomo que

[...] a linguagem se tornou linguagens. Esse fenômeno – sempre considerado único, capacidade social e cultural específica da espécie humana, nunca definido completamente, porém cada vez mais estudado e explorado – não aceita mais ser designado no singular e com artigo definido (2001, p. 9).

Outro modo de abordar a questão da linguagem se encontra em destacar a diferença entre signo e sinal (Carlos, 2017). Termos que muitas vezes são utilizados como sinônimos, embora apontem definições distintas, que podem ser significadas como relevantes a depender do campo de estudo. Diferente do signo, que não requer uma relação natural entre a sua forma e seu significado, o sinal, geralmente, tem uma relação direta e causal com aquilo que representam. Os signos têm uma associação mais próxima com a linguagem e a comunicação simbólica, enquanto os sinais frequentemente têm conexões com eventos ou fenômenos físicos do mundo real. Todavia, a compreensão exata dos dois termos pode depender do contexto específico em que são utilizados. Não custa lembrar que o signo e seus elementos estão em um nível mais abstrato e complexo que o sinal.

Em face disso é importante anotar que, mesmo no caso dos sinais, a interpretação pode ser influenciada pela cultura e a relação nem sempre é universal ou estritamente lógica. No campo dos estudos da linguagem, a relação entre signo e interpretação é fundamental. A interpretação envolve a atribuição de significados aos signos com base em uma compreensão cultural, social e individual. Essa interpretação dos signos envolve convenções estabelecidas

culturalmente, onde as pessoas aprendem a associar certos significados a determinados signos. Envolve também o contexto cultural, já que diferentes culturas podem atribuir diferentes significados para um mesmo signo, dessa forma, um gesto, uma palavra ou um símbolo determinado pode ter significados diferentes em diferentes situações.

Em outros termos, a interpretação dos signos é extremamente complexa e permeada por elementos culturais, contextuais e individuais. Essa é a lógica do signo e não há possibilidade de não interpretação nesta lógica, porque ele sempre se coloca no lugar de outra coisa, portanto, o modo de existência do signo é o que cria as condições de possibilidades e a necessidade da interpretação. Ademais, “o signo atravessa várias esferas da existência humana, como, por exemplo, a produção, a circulação e a apropriação da informação, do conhecimento e da comunicação” (Carlos, 2021, p. 619).

Assim, os signos desempenham um papel crucial na transmissão de significados e na construção do entendimento entre os falantes de uma língua ou membros de uma comunidade cultural. Em razão de sua complexidade, a questão do signo indica infinitas possibilidades de estudo, investigação e pesquisas acerca da linguagem e do modo como se opera com ela e seus sistemas simbólicos para representar e comunicar informações, conhecimentos e saberes.

3 EXPLORANDO O SIGNO E O ENUNCIADO EM FOUCAULT

Na ótica arqueológica, diz-se que se, de um lado, a língua é uma forma de pôr a linguagem para funcionar; de outro, que o enunciado se caracteriza como uma maneira singular de existência e funcionamento do signo (Foucault, 2008). O enunciado, nesse sentido, seria mais do que o signo, vez que, para a AAD, o signo, constituinte do discurso, funciona de uma maneira particular. Entender esse funcionamento particular do signo, enquanto enunciado, é sua tarefa primordial. Sobre isso, salienta Carlos que

A íntima relação entre o discurso e o signo informa, de um lado, a possibilidade de se conceber e de se empregar o discurso como signo, como algo que se refere a alguma coisa que não seria ele mesmo, algo que o discurso esconderia ou mencionaria, mas que não diria respeito a ele, propriamente

dito; de outro, demonstra a necessidade e a possibilidade de superar essa elisão, tarefa primordial da Arqueologia, que, embora reconheça a existência dos signos e de seus nexos com o discurso e com a realidade, não confunde um com o outro (2021, p. 625).

Nesse horizonte, Foucault (2008, p. 97) realça que “[...] o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição, ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência [...]”. Destaca-se, então, o abandono das referências do ato de fala, da frase, da proposição, elas não integram o uso, o sentido e o significado do termo referência quando se fala em enunciado, ou seja, os termos são os mesmos, mas o conteúdo dos termos são outros. Como explica Carlos:

O modo como a Arqueologia concebe o discurso não produz a elisão do signo. Isso quer dizer que a noção arqueológica do discurso não opera com a negação do signo, como registra A Arqueologia do Saber (2008). Ao contrário, afirma sua existência. Em outros termos, embora a Arqueologia entenda o signo como algo específico e com usos diversos, sem os quais vários modos de conceber o discurso não existiriam, seu interesse consiste em investigar os artefatos discursivos situados no nível arqueológico da linguagem, no qual o signo não desaparece, mas funciona como enunciado (2021, p. 627).

Deslocando-nos da noção de signo como estrutura para a noção de enunciado como função, operamos um giro arqueológico. Esse movimento é o que Foucault realiza defende que o signo em si, enquanto algo que se põe no lugar de outra coisa, ou alguns modelos de signo, a exemplo do linguístico, como a frase, ou do lógico, como a proposição, não sirvam para entender o enunciado e seu funcionamento. Ou seja, Foucault (2008, p. 91) entende que “[...] a condição necessária e suficiente para que haja enunciado seja a presença de uma estrutura proposicional definida”.

Ao considerarmos, arqueologicamente, que “não há como falar em enunciado sem abordar o signo, porque não há linguagem nem discurso sem signo” (Carlos, 2021, p. 634) e que “o nível enunciativo não se confunde com as outras regiões do terreno da linguagem” (*Ibid.*), fica claro que o enunciado é mais do que simplesmente uma combinação de palavras. É uma unidade fundamental de análise que vai além da sintaxe e da semântica, que entender um enunciado

significa considerar as condições específicas que possibilitam sua existência, como as regras discursivas (Foucault, 2000, 2008).

A perspectiva arqueológica do enunciado é explicitada por Foucault no livro *A arqueologia do saber*, onde o autor destaca que o enunciado “é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos” (2008, p. 98). Também uma “função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdo concreto, no tempo e no espaço” (*Ibid.*). Além disso, salienta que a partir dessa função “se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)” (Foucault, 2008, p.99).

Ao atribuir ao enunciado essa função de existência exclusiva dos signos, Foucault esclarece a natureza complexa do discurso, evidenciando que as palavras não são simples veículos de ideias, mas agentes ativos na produção de saberes e na complexidade das relações. Portanto, ao analisar essa interseção, Foucault oferece uma compreensão mais profunda de como a linguagem não é apenas um meio de comunicação. À luz desse modo de abordar o par linguagem-signo, Foucault se afasta do lugar comum de tratamento da linguagem, situando sua análise no feixe de relações específicas que conecta o signo, o discurso e o enunciado.

Sabe-se que em sua constituição clássica, o signo é algo que se põe no lugar de uma outra coisa. No caso do enunciado, esta função permanece, com o diferencial de que a outra coisa do enunciado é outro enunciado. Ao pôr-se como a outra coisa, com a qual se liga, o enunciado assumisse como auto referenciado. Ele é relação de relação. Em outras palavras, o enunciado funciona enquanto signo quando se põe no lugar de uma outra coisa, e essa coisa é ele mesmo.

Assim descrito, o enunciado guarda a noção primária do signo, pondo-o para funcionar de outra maneira. Isso indica sua singularidade, vez que ele é relação de relação. Esse tipo específico de relação o constitui. Relação de relação define uma formação discursiva determinada, a saber, o enunciado. Sobre isso, Foucault diz que

Uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com "outra coisa" (que lhe pode ser estranhamente semelhante, e quase idêntica como no exemplo escolhido) uma relação específica que se refira a ela mesma - e não à sua causa, nem a seus elementos (2008, p. 100).

Ao escavar as camadas da linguagem para além da palavra, da frase, da proposição e da enunciação, Foucault (2001) se depara com o enunciado. Encontrando, outros elementos, não estruturais, regidos pelas regras da gramática, da lógica ou de atos de fala. Outros elementos, que constituem, de modo diferente e específicos, a particularidade do nível arqueológico do enunciado.

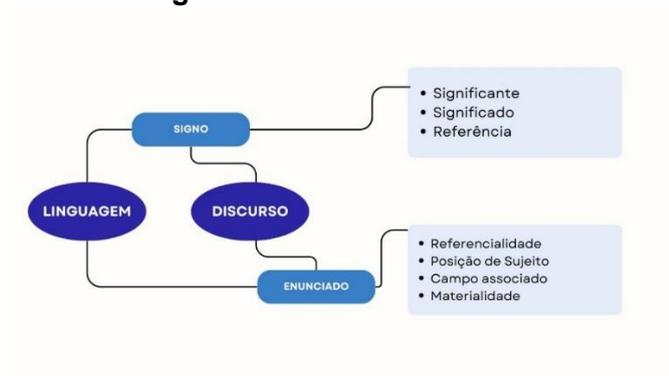
Cabe, aqui, esclarecer que o uso do termo 'escavação' é uma maneira de representar metaforicamente o processo de análise das zonas próprias do discurso-enunciado. Escavar seria o modo como a "arqueologia" aborda a linguagem (Alcantara; Carlos, 2013). Um procedimento metodológico de análise e problematização dos objetos enunciativos situados no território da linguagem. Modo de investigar e entender a relação entre linguagem e discurso-enunciado, já que ela, a linguagem, é condição da existência do discurso, ou seja, pressuposto sobre o qual o discurso se constitui. Em face disso, a abordagem arqueológica busca escavar as camadas que moldam o aparecimento e a constituição do discurso e, conseqüentemente, da formação de saberes específicos a respeito de objetos enunciativos determinados.

A escavação do domínio do enunciado permitiu que Foucault encontrasse e nomeasse a singularidade dos elementos que o constitui (Faheina, 2020). Cada elemento, em sua especificidade, contempla um feixe de relações próprias, que possibilita que sejam identificados e nomeados de forma particular. Os elementos são o referente, a posição de sujeito, o campo associado e a materialidade. É o que podemos denominar de "quadrilátero enunciativo".

Resumidamente, podemos dizer que a referencialidade indica a relação entre algo e ao que se refere, no caso da arqueologia, ele mesmo; a posição de sujeito é uma posição vazia, refere-se ao espaço que pode ser ocupado por um indivíduo ou grupo em relação ao discurso; o campo associado é o conjunto de elementos que estão interconectados e coexistem de alguma forma e a materialidade é a materialização de ideias e conceitos. Nesse sentido, a relação

entre linguagem-signo-discurso-enunciado pode ser ilustrado visualmente da seguinte maneira:

Figura 1: elementos discursos



Fonte: produção dos autores

Tais elementos podem ser utilizados como critérios que podem ser parâmetro da análise de diferentes objetos, oriundos de campos diversos a exemplo de análises linguísticas, sociológicas e filosóficas. Nesse sentido, concordamos com Martins e Cleps Júnior, quando ressaltam que

O enunciado é um conjunto de coisas ditas, as quais têm um referente (do qual e a partir de onde se enuncia), uma posição de sujeito (os sujeitos mudam de lugar conforme sua inscrição dentro da prática discursiva), um campo associado (enunciados em correlações) e uma materialidade (o regime concreto de existência) (2013, p. 74).

O enunciado guarda, portanto, apenas a noção do signo (e não os elementos exatos de algum tipo de modelo de signo – frase, proposição, ato de fala), enquanto algo que se põe no lugar de outra coisa, mas ao mesmo tempo. A noção de enunciado rompe com a noção de signo, ao conservar a ideia de algo que se põe no lugar de outra coisa, mas fazendo com que essa outra coisa, não seja, na verdade outra, mas ela mesma. Autoreferencialidade, portanto, é o singular do enunciado. Isso faz com que ele seja diferente de qualquer tipo de signo, o referente é da mesma natureza, ela é o próprio enunciado. Nesse sentido, esclarece Carlos que Foucault

[...] conserva a ideia do signo, porém como 'limiar', como 'apoio' ou 'suporte' do enunciado, ao mesmo tempo em que assinala o corte, o ponto de inflexão, a ruptura que faz erigir o enunciado como algo distinto do signo-estrutura, do signo-unidade. No nível enunciativo, o enunciado se põe como uma função (2021, p. 639).

Com efeito, assim como o signo é composto por elementos, o enunciado também. O enunciado, enquanto uma função, se constitui a partir de alguns elementos fundamentais, que aparecem e desempenham papéis específicos no espaço da linguagem. Ele se apresenta, de modo geral, como relação de relação e particular, como feixes de relações determinadas, onde cada elemento se distingue do outro, ao tempo que se entrelaça com eles na constituição da noção de enunciado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indubitavelmente, a existência de um sistema linguístico que sirva como o lugar de exercício do ato concreto de expressão de sentimentos e pensamentos, do registrar de eventos e da construção de narrativas, da sistematização de conhecimentos e da comunicação intersubjetivamente entre as pessoas é algo que se reconhece em qualquer área do saber. O que evidencia o senso comum de que há uma estrutura linguística posta que no cenário da cultura que confere sustentação material ao aparecimento e à constituição do que se pode ou não dizer em determinada circunstância por alguém.

A riqueza e flexibilidade da linguagem possibilita à configuração do discurso um conjunto versátil de recursos que pode ser utilizado de diversas maneiras para comunicar uma variedade de mensagens. Parece-nos que esse entendimento é crucial para os estudos do discurso. Isso possibilita uma análise, concomitantemente, profunda e abrangente das complexidades comunicativas e simbólicas que surgem nas interações humanas.

Como ocorre nas mencionadas áreas que se ocupam, cada uma a seu modo, com alguma faceta da questão da linguagem, o debate sobre a linguagem-signo também se constitui como objeto de interesse da perspectiva da Análise Arqueológica do discurso – AAD. Certamente, quando Foucault analisa arqueologicamente o jogo das relações enunciativas que tecem a constituição dos saberes, a problemática do signo aparece, como um dos elementos que constitui o enunciado.

Se, independente da perspectiva de análise, entender o signo, enquanto o ser da linguagem, estabelece um alicerce teórico fundamental para as

investigações sobre o discurso. Mais ainda para a AAD, vez que para ela, não há discurso sem linguagem, e não há discurso sem signo, como assinala Carlos:

Foucault tocou, inúmeras vezes e de modos diferenciados, na questão da relação entre discurso e signo, ao mesmo tempo em que reconhecia e desejava uma maneira de contar a história diferente do modo tradicional, porque, como constatou, o discurso poderia ser elidido, silenciado e marginalizado mediante o uso da noção do discurso como signo, cujo emprego, de certa maneira, atravessava recorrentemente os domínios investigativos da história (2021, p. 623).

Pelo exposto, podemos assinalar que, para a AAD, o enunciado apresenta-se como o modo do discurso se organizar. Ele define a ordem do discurso e o que, a partir dele, é possível se dizer a respeito de algo. Com efeito, a questão da linguagem, do signo, seus elementos e relações, acontecimentos singulares que ocorrem no território da linguagem, são eventos que devem ser erigidos, em diversos campos, como objetos de pesquisas, tendo em vista se produzir conhecimentos sobre eles, a exemplo do objeto-discurso propriamente dito.

Entendemos que essa possibilidade de investigação está presente em diversos campos de estudo e pesquisas que se dedicam ao tema do poder, uma vez que não é possível que o poder seja exercido sem a mediação da linguagem e, mais especificamente, sem a prática efetiva do discurso e das lutas simbólicas que ocorrem em seu território. Além disso, entendemos que o uso da Análise Arqueológica do Discurso – (AAD) não se limita à uma abordagem que incide somente sob a esfera dos estudos teóricos e metodológicos da linguagem e do discurso, tendo em vista a produção de conhecimento a respeito da singularidade ou dos vínculos existentes entre esses dois termos da questão. Certamente, o emprego da AAD vai um pouco mais além da produção do conhecimento. Ela permite que sejamos emponderados de saberes e de ferramentas que potencializam nossas reflexões, problematizações e lutas cotidianas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. A. G. Michel Foucault e a teoria do poder. **Tempo Social**, 7(1/2), p. 105-110, 1995. Doi: <https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85209>.

ALCANTARA, M. A. Miranda; CARLOS, Erenildo João. Análise arqueológica do discurso: uma alternativa de investigação na educação de jovens e adultos (EJA). **Intersecções**, Jundiaí, v. 6, p. 59-73, 2013. Disponível em:

<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1152>.

Acesso em: 5 ago. 2023.

ALVES, J. M. D.; PIZZI, L. C. V. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n.1, p. 81-94, 2014.

CARLOS, Erenildo João. Achados sobre a noção arqueológica do discurso em Foucault. **Revista Dialectus**, v. 11, p. 176-191, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32649>. Acesso em: 5 ago. 2023.

CARLOS, Erenildo João. Especificidades e usos da noção de signo em A Arqueologia do Saber. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 617–642, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v35n74a2021-54824. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/54824>. Acesso em:

5 ago. 2023.

FAHEINA, Evelyn Fernandes Azevedo. O pensamento arqueológico de Michel Foucault sobre materialidade e referencial. **CONJECTURA: filosofia e educação**, n. 25, p. 1, 2020. DOI: 10.18226/21784612.v25.e020001.

FERREIRA, M. S.; TRAVERSINI, C. S. A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 1, p. 207-226, 2013.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michael. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. Tradução: Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michael. Linguagem e literatura. *In*: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 139-1174.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 12. ed. Tradução: Flávio Paulo Mauer. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

MARTINS, G.I., CLEPS JUNIOR, J. Nas tramas do discurso: possibilidades teóricas e metodológicas em Michel Foucault. *In*: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., PESSÔA, V.L.S., comps. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, p. 69-88. ISBN 978-85-7511-443-8.
<https://doi.org/10.7476/9788575114438.0006>.

VEIGA-NETO, A. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, 34, 2009. Doi: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i34.1635>.

PALOMO, Sandra Maria Silva. Linguagem e linguagens. **Eccos Rev. Cient.** UNINOVE, São Paulo, n. 2, v. 3, p. 9-15, dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=view&path%5B%5D=272>. Acesso em: 5 ago. 2023.

DADOS DOS AUTORES

Erenildo João Carlos

Doutor em Educação pela UFC (2005), mestre em Educação pela UFPB (1998), Especialista em Pesquisa Educacional (1994) e graduado em Pedagogia pela UFPB (1990). Professor Associado Nível IV, lotado no departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação da UFPB/Campus I. Estuda e orienta temas tais como: educação popular, educação de jovens e adultos, livro didático, análise arqueológica do discurso, discurso, cultura visual e uso pedagógico da imagem visual, BNCC, BNC. Email: erenildojc@gmail.com

Krislânia Damascena Rodrigues

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Pedagoga pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (2017-2021), com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA); Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Discurso e Imagem Visual em Educação - GEPDIVE; bolsista do Projeto PIBIC/CNPq/2020-2021 O enunciado da gestão educacional na ordem do discurso político-pedagógico; bolsista do Projeto PIBIC/CNPq/2020 A Análise do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB; integrante do Curso de Extensão Formação de Gestores em Educação Popular - FOGEP/2020 e bolsista do Projeto PROBEX/UFPB/2019 Gestão Educacional e Educação Popular: a construção de uma proposta formativa para profissionais da educação básica, coordenados pelo Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara. Email: krislaniadamascena@gmail.com